

Millenium, 2(Edição Especial Nº18)

pt

**SE A ECONOMIA CIRCULAR NÃO ESTÁ A CIRCULAR, VAMOS ULTRAPASSAR A NARRATIVA
IF THE CIRCULAR ECONOMY ISN'T CIRCULATING, LET'S MOVE BEYOND THE NARRATIVE
SI LA ECONOMÍA CIRCULAR NO CIRCULA, SUPERREMOS LA NARRATIVA**

Daniela Spina¹  <https://orcid.org/0000-0002-7587-6360>

¹ University of Catania, Catania, Italy

Daniela Spina – daniela.spina@unict.it



Autor Correspondente:
Daniela Spina
Piazza Università, 2,
95124 - Catania - Itália
daniela.spina@unict.it

RECEBIDO: 04 de abril de 2025
ACEITE: 21 de abril de 2025
PUBLICADO: 21 de maio de 2025

EDITORIAL

SE A ECONOMIA CIRCULAR NÃO ESTÁ A CIRCULAR, VAMOS ULTRAPASSAR A NARRATIVA

Durante anos, a economia circular foi apresentada como a solução perfeita para as questões de sustentabilidade: um sistema capaz de reduzir os resíduos, diminuir as emissões e assegurar o crescimento económico sem esgotar o planeta (EMF, 2013; 2015). Uma espécie de poção mágica que poderia transformar resíduos em recursos e gerar um ciclo virtuoso sem fim. Mas a realidade é bem diferente: atualmente, a economia circular não está a circular o suficiente.

Os números falam por si. O Circularity Gap Report (2024) mostra que a taxa de circularidade global caiu de 9,1% em 2018 para 7,2% em 2023. Por outras palavras, o mundo está a tornar-se cada vez menos capaz de reutilizar materiais para criar novos recursos. E não é só isso: nos últimos seis anos, a economia global consumiu 582 mil milhões de toneladas de materiais, quase tanto como o que foi utilizado em todo o século XX. O atual sistema de produção está a levar os ecossistemas para além dos seus limites, enquanto a biocapacidade da Terra está a diminuir cada vez mais (Siegel, 2021).

De acordo com o Relatório sobre a Economia Circular em Itália (2024), o país é líder europeu em investimentos e emprego no setor. Com 12,4 mil milhões de euros investidos em 2021 e mais de 613 000 trabalhadores, a Itália está entre as nações mais avançadas. No entanto, quando se trata de resultados concretos, surgem desafios: A taxa de reciclagem da Itália continua a ser de 33,8%, muito abaixo da média da UE de 46,2% e longe do objetivo de 65%.

As políticas europeias e nacionais estão a tentar inverter a tendência (UE, 2018; 2021). O Pacto Ecológico da UE e os novos regulamentos sobre embalagens, matérias-primas essenciais e gestão de resíduos são passos importantes, mas não são suficientes. A questão é mais profunda e exige mudanças estruturais. O Circularity Gap Report 2024 sublinha que para colmatar esta lacuna são necessárias políticas arrojadas, reformas financeiras que penalizem os produtos insustentáveis e investimentos em competências para a transição ecológica. No entanto, como demonstrado por Kirchherr (2017), que analisou 114 definições diferentes de economia circular, o próprio conceito permanece ambíguo e qualitativo, dificultando a sua medição efectiva. Os indicadores atuais, incluindo os desenvolvidos pela Comissão Europeia (Moraga et al., 2019), ainda não conseguem avaliar completamente a circularidade de um sistema, levando a conclusões diferentes dependendo das métricas adotadas (Spina et al., 2025). Esta lacuna metodológica complica ainda mais a adoção de estratégias eficazes.

A adoção dos princípios da economia circular deverá conduzir a uma redução da utilização dos recursos naturais, a uma maior utilização de materiais recicláveis e de energias renováveis, a uma diminuição das emissões e dos resíduos e à preservação do valor económico dos produtos através do prolongamento do seu tempo de vida (Cembalo et al., 2020). Embora a narrativa seja convincente, a implementação atual dos princípios circulares continua a ser prejudicada por dificuldades concretas. Muitas empresas afirmam adotar princípios de economia circular, mas, na prática, apenas 65% implementaram processos genuinamente circulares. O sector agroalimentar, por exemplo, ainda tem dificuldade em integrar modelos de gestão sustentáveis. Além disso, o elevado custo das tecnologias e a falta de incentivos adequados atrasam a transformação do sistema de produção.

Há também uma questão mais profunda: a crença generalizada de que a economia circular pode garantir um crescimento económico infinito, reduzindo os resíduos. De Man & Friege (2016) salientam que esta é uma das grandes ilusões da circularidade: embora a reutilização de materiais seja um passo em frente, o consumo excessivo de recursos continua a aumentar. O Relatório sobre os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (2015) confirma que, apesar das melhorias na eficiência da produção, o consumo global de materiais está a aumentar constantemente, impulsionado por modelos económicos que incentivam o hiperconsumo, a obsolescência planeada e ciclos de vida cada vez mais curtos dos produtos.

As empresas têm dificuldade em adotar modelos verdadeiramente sustentáveis, mesmo quando possuem os conhecimentos técnicos necessários. A transição para modelos de gestão da economia circular não se resume à introdução de novas tecnologias; requer uma transformação estrutural de todo o sistema produtivo e uma mudança cultural (De Jesus & Mendonça, 2018). De acordo com a teoria da transição sociotécnica de Geels (2002), a mudança sistémica só é possível quando três elementos-chave se alinhjam: a “paisagem” (mudanças macroeconómicas, políticas e ambientais), o “regime” (práticas estabelecidas e estruturas institucionais existentes) e os “níchos” (inovações emergentes). Sem o alinhamento entre estes factores, a mudança corre o risco de ficar confinada a experiências isoladas, incapazes de transformar todo o sistema.

O atual cenário internacional pode ser um ponto de viragem. As grandes transições económicas nunca ocorrem em tempos de estabilidade. Muitas vezes, resultam de crises globais, de mudanças geopolíticas ou de alterações estruturais do mercado. Nos últimos anos, a pandemia perturbou as cadeias de abastecimento, a guerra na Ucrânia remodelou o mercado da energia e das matérias-primas e as alterações climáticas estão a acelerar a necessidade de novos modelos de produção. Estes choques realçaram a urgência de repensar os sistemas económicos e de produção, levando muitos países a procurar uma maior autossuficiência, a reduzir a dependência de recursos estrangeiros e a investir em soluções mais resilientes.

No sector agroalimentar, estas mudanças são ainda mais evidentes. Desde a Revolução Agrícola do Neolítico até à Revolução Verde do século XX, as grandes mudanças na produção alimentar foram motivadas por necessidades económicas, sociais ou ambientais. Atualmente, a crise climática, a insegurança alimentar e a crescente volatilidade dos mercados agrícolas estão a empurrar o sector para um novo modelo de produção. As secas, a degradação dos solos e o aumento dos custos energéticos estão a pôr em causa a agricultura intensiva, abrindo caminho a práticas mais sustentáveis, como a agricultura regenerativa, a recuperação de resíduos e a valorização de subprodutos (FAO, 2020). Ao mesmo tempo, as recentes crises geopolíticas puseram em evidência os riscos de uma dependência excessiva das importações, levando muitos países a reforçar as cadeias de abastecimento locais e a investir em modelos de produção mais resilientes (OCDE, 2024).

Na indústria alimentar, as empresas em fase de arranque e as empresas estabelecidas estão a investir na recuperação de resíduos agrícolas para criar novos produtos, desde bioplásticos a ingredientes cosméticos. Além disso, a utilização de resíduos agrícolas para a produção de biogás está a emergir como uma oportunidade significativa: os resíduos orgânicos, como os restos de frutas e legumes, são transformados em energia renovável, reduzindo as emissões e contribuindo para a sustentabilidade energética (Modica et al., 2024). Estes exemplos demonstram que, com o apoio regulamentar e financeiro correto, a economia circular pode tornar-se uma realidade concreta.

Qualquer objetivo - especialmente um objetivo tão ambicioso - exige esforço e tempo, mas já não podemos dar-nos ao luxo de procrastinar. É necessária uma profunda revisão das prioridades políticas e económicas, bem como adaptações nas políticas empresariais e nos modelos de produção e uma transformação cultural que envolva todos os atores sociais, incluindo os consumidores (Borrello et al., 2017; Raimondo et al., 2024). Sem mudanças nos hábitos de compra e consumo e sem uma maior consciencialização do impacto das escolhas individuais, a economia circular continuará a ser uma ideia inacabada. A ilusão de um mundo sem resíduos não é suficiente: são necessários esforços concretos para reduzir a procura de energia, abrandar o esgotamento dos recursos naturais e apostar decisivamente na conceção ecológica. Como disse Nelson Mandela: "Parece sempre impossível até ser feito".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borrello, M., Caracciolo, F., Lombardi, A., Pascucci, S., & Cembalo, L. (2017). Consumers' perspective on circular economy strategy for reducing food waste. *Sustainability*, 9(1), 141. <https://doi.org/10.3390/su9010141>
- De Man, R., & Friege, H. (2016). Circular economy: European policy on shaky ground. *Waste Management & Research*, 34(2), 93-95. <https://doi.org/10.1177/0734242x15626015>
- EMF (Ellen MacArthur Foundation), & SUN. (2015). *Growth within: A circular economy vision for a competitive Europe*. <https://unfccc.int/sites/default/files/resource/Circular%20economy%203.pdf>
- EMF (Ellen MacArthur Foundation). (2013). Towards the circular economy. *Journal of Industrial Ecology*, 2(1), 23-44. <https://www.aquafile.com/assets/uploads/ellen-macarthur-foundation.pdf>
- European Commission. (2018). A clean planet for all. A European strategic long-term vision for a prosperous, modern, competitive and climate neutral economy. COM 773.
- European Commission. (2021). *The European Green Deal: Striving to Be the First Climate-Neutral Continent*. https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/european-green-deal_en
- Fund, S. (2015). *Sustainable development goals*. <https://www.un.org/sustainabledevelopment/inequality>.
- Geels, F. W. (2002). Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case-study. *Research Policy*, 31(8-9), 1257-1274. [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(02\)00062-8](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(02)00062-8)
- Cembalo, L., Borrello, M., De Luca, A. I., Giannoccaro, G., & D'Amico, M. (2020). Transitioning agri-food systems into circular economy trajectories. *Aestimum*, 199-218. <https://doi.org/10.13128/aestim-8860>
- De Jesus, A., & Mendonça, S. (2018). Lost in transition? Drivers and barriers in the eco-innovation road to the circular economy. *Ecological Economics*, 145, 75-89. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2017.08.001>
- FAO (2020) Legislative Approaches to Sustainable Agriculture and Natural Resources Governance. *FAO Legislative Study*, 114 at 93. <https://www.unenvironment.org/resources/publication/legislative-approaches-sustainableagriculture-and-natural-resources>
- Fraser, M., Conde, Á., & Haigh, L. (2024). *Circularity Gap Report 2024*. Circle Economy.
- Kirchherr, J., Piscicelli, L., Bour, R., Kostense-Smit, E., Muller, J., Huijbrechtse-Truijens, A., & Hekkert, M. (2018). Barriers to the circular economy: Evidence from the European Union (EU). *Ecological economics*, 150, 264-272. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2018.04.028>
- Modica, G., Pulvirenti, A., Spina, D., Bracco, S., D'Amico, M., & Di Vita, G. (2024). Clustering olive oil mills through a spatial and economic GIS-based approach. *Cleaner Environmental Systems*, 14, 100207. <https://doi.org/10.1016/j.cesys.2024.100207>
- Moraga, G., Huysveld, S., Mathieu, F., Blengini, G. A., Alaerts, L., Van Acker, K., de Meester, S., & Dewulf, J. (2019). Circular economy indicators: What do they measure? *Resources, Conservation, and Recycling*, 146, 452-461. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2019.03.045>
- Network, C. E. (2024). Rapporto sull'economia circolare in Italia 2024. <https://circulareconomynetwork.it/rapporto-sulleconomia-circolare-in-italia-2024/>
- OECD. (2024). *Development Co-operation report 2024: tackling poverty and Inequalities through the green transition*. OECD. <https://doi.org/10.1787/357b63f7-en>
- Raimondo, M., Spina, D., Hamam, M., D'Amico, M., & Caracciolo, F. (2024). Intrinsic motivation strongly affects the readiness toward circular food consumption: evidence from the motivation–opportunity–ability model. *British Food Journal*, 126(2), 715-737. <http://dx.doi.org/10.1108/BFJ-09-2022-0800>
- Siegel, F. R. (2021). *The Earth's human carrying capacity: limitations assessed, solutions proposed*. Springer Nature.
- Spina, D., Carbone, R., Pulvirenti, A., Rizzo, M., D'Amico, M., & Di Vita, G. (2024). What Gets Measured Gets Managed-Circular Economy Indicators for the Valorization of By-Products in the Olive Oil Supply Chain: A Systematic Review. *Agronomy*, 14(12), 2879. <https://doi.org/10.3390/agronomy14122879>